

## Apresentação

O presente número da revista *Interfaces Brasil/Canadá* se abre com dois artigos de cunho eminentemente teórico que nos ajudam a refletir sobre o lugar dos estudos canadenses nas Américas. Ao retomar em seu texto conceitos-chave para tratar de questões identitárias referentes ao Canadá e ao continente americano, Patrick Imbert oferece uma rica releitura de aspectos e autores variados, atravessando diferentes campos do conhecimento. Na urdidura de seu pensamento crítico, tece relações profícuas sobre tais noções e privilegia as ideias de transdisciplinaridade e transculturalidade, ilustradas na análise do romance *Life of Pi* do escritor canadense Yann Martel. Revisão atenta da evolução dos estudos canadenses no Brasil, o artigo de Zilá Bernd ressalta a importância do reconhecimento do caráter *trans* nas relações entre Brasil e Canadá, vistas, até recentemente, à luz da perspectiva interdisciplinar. Ao inserir os EC no interior das Américas plurais, a autora realça a enorme contribuição que os diálogos entre as culturas brasileira e canadense trouxeram para as pesquisas comparatistas, pelo fato de terem aberto vias fecundas e imprevisíveis de reflexão.

No campo literário – espaço pioneiro e muito produtivo no desenvolvimento dos EC no Brasil –, as contribuições dos articulistas enfatizam questões significativas, em frequentes interfaces com outras áreas do pensamento. Alguns artigos exploram diálogos produtivos entre textos e/ou autores que tratam de temáticas e de imaginários convergentes. É o caso de Arnaldo Rosa Vianna Neto e de Sigrid Renaux, que identificam, no acervo memorial dos escritores escolhidos em suas reflexões, rastros da narrativa mítica construída em torno das figuras de Ulisses/Odisseu e Penélope. No primeiro caso, a aproximação de obras de Réjean Ducharme e Nélida Piñon permite identificar *ethoi* representativos da americanidade graças ao reconhecimento da circulação de determinadas metafiguras. No que concerne ao texto de Sigrid Renaux, que propõe um estudo da reinvenção do mito na obra *The Penelopiad* de Margaret Atwood, a ênfase atribuída a Penélope sugere o conflito desta autora com a ótica patriarcal presente no texto de Homero.

Em um artigo centrado na aproximação de dois grandes autores da vivência exilar, que comprova o lugar relevante de obras literárias produzidas no Canadá no interior da literatura comparada, Maria Daura Macedo Rocha analisa interfaces entre Franz Kafka e Régine Robin. A partir do estudo criativo da narrativa “A tribulação do pai de família” e de “Gratok, langue de vie et langue de mort”, a autora salienta pontos de contato entre escritores marcados profundamente pelo trânsito

entre diversas línguas, pela consciência diaspórica e pela judeidade.

Alguns textos exploram a complexidade das experiências dos deslocamentos geográficos e culturais em obras nas quais que se sobressai a ótica feminina. As relações entre viagem e representação – e as ambiguidades aí existentes – constituem um viés rentável na análise da obra de Jan Conn, proposta por Magali Sperling Beck. A partir do realce dado a essa escritora-viajante, a autora estuda a dialética entre o eu e o outro e a descoberta de encontros culturais na obra desta poeta canadense que se afasta das tradicionais narrativas de viagem.

A escrita da diáspora vivida no feminino é tratada por Alita Balbi no seu estudo sobre Dionne Brand, escritora canadense nascida no Caribe. Em sua análise de dois romances dessa representante do entre-dois, apoiando-se em publicações na área dos estudos culturais e do pós-colonial, a autora reflete sobre os conceitos de família e de tradição em contextos distantes.

Em seu texto “Cultural identity and Female Immigrants: Joy Kogawa’s *Obasan*”, Sudha Swarnakar trata da representação ficcional da imigrante feminina de origem japonesa no mosaico do novo multiculturalismo canadense. Para tanto, propondo uma leitura de um romance da escritora Joy Kogawa, levanta interrogações em torno da noção de cidadania, das políticas de imigração do governo canadense e de práticas de discriminação que atingiram imigrantes japoneses em um episódio histórico traumático.

Ainda em torno da representação de vozes e personagens femininas, adotando a perspectiva comparatista que privilegia as relações entre literatura e história, Maria do Socorro Baptista Barbosa contempla em seu artigo uma figura histórica e ficcional, presente em textos de Susanna Moodie e Margaret Atwood. Atenta aos vínculos entre gênero, identidade e representação, salienta a ideia de que a loucura – associada à personagem em questão – deve ser encarada como uma construção social, destituindo-se de um caráter meramente patológico.

Um viés promissor dos estudos canadenses no Brasil, ainda não suficientemente explorado nas universidades brasileiras, diz respeito ao papel cultural do cinema na divulgação das realidades canadense e brasileira. Após considerações sobre a representação dos ameríndios na literatura canadense, Eloína Prati dos Santos prioriza em seu artigo dois documentários produzidos por Tracey Deer. Nestas reconhecidas obras de uma jovem cineasta *mohawk*, sobressai o olhar feminino sobre a noção de pertencimento no mundo pós-colonial. Voltada para a área de produções culturais, Maria Luiza Martins de Mendonça se interroga sobre a representação de grupos minoritários na cinematografia canadense. Tal escolha a faz revisitar os conceitos de multiculturalismo canadense e de interculturalismo

quebequense e se engajar na leitura dos filmes *Generation 101*, de Claude Godbout; *Adoration*, de Athom Egoyan; e *Heaven on Earth*, de Deepa Mehta. A leitura de documentários de autoria de cineastas oriundos de lugares culturais diversos – França, Canadá e Brasil –, proposta por Claudio Cledson Novaes, confere realce à problemática da representação. Para tanto, realça como Jean Rouch, Pierre Perrault e Olney São Paulo se valem de estratégias na criação de personagens subalternos, fugindo à perspectiva redutora da etnografia clássica.

No eixo concernente à educação, três artigos se referem às relações entre práticas pedagógicas realizadas no Brasil que têm vínculos com pesquisas feitas no Canadá. O desdobramento de uma ferramenta pedagógica explorada em sua tese de doutorado, defendida na Universidade de Sheerbrooke, está no centro das reflexões de Maria Marly de Oliveira. Dando continuidade e aprofundamento à noção de metodologia interativa, adotada em experiências feitas em uma universidade pública e em uma faculdade particular, a autora realça frutos do projeto bilateral entre a Universidade Federal Rural de Pernambuco e a Universidade de Sheerbrooke. Em seu texto, Ruberval Franco Maciel se propõe a refletir sobre o ensino de língua inglesa no Brasil em tempos de globalização. Inspirando-se em Brydon e em outros estudiosos, mostra que, visto como idioma oficial da globalização, o inglês pode incluir ou excluir cidadãos. Indo além de considerações teóricas, o autor discorre sobre um projeto de formação de professores brasileiros, realizado na USP, em parceria com pesquisadores canadenses. Apresentando o relato de uma experiência vivida no âmbito do Núcleo de Estudos Canadenses da Universidade Federal de Uberlândia, Ana Carolina de Laurentiis Brandão e Clarissa Costa e Silva pretendem contribuir com estudos na área de metodologia de ensino de línguas estrangeiras. Orientadas pela ideia de aprendizagem colaborativa, tratam do projeto de conversação em inglês implantado no NEC da UFU.

Outras áreas do conhecimento se fazem presentes neste número da revista *Interfaces*: a antropologia e a área ambiental. Fruto de pesquisas realizadas junto ao Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina e ao Departamento de Antropologia da Universidade de Montreal, o texto de Aldo Litaiff contribui para os estudos sobre o pensamento mítico dos autóctones nas Américas, visto como uma filosofia pragmática. Segundo o autor, ferramentas fundamentais em contextos históricos marcados pelos contatos com a alteridade, os mitos podem não apenas justificar, mas também orientar as ações humanas. O último artigo, de autoria de Fabiana Spinelli e Remi de Araújo Soares, focaliza a cooperação entre Brasil e Canadá voltada para questões ambientais globais. Por meio de subsídios detalhados que permitem acompanhar o desenvolvimento e

a eficácia de estratégias adotadas por esses países, as autoras se interessam, em particular, pelo cumprimento da Convenção sobre Diversidade Biológica, assinada em 1992, no Rio de Janeiro.

Ao finalizar essa apresentação, gostaria de agradecer, em especial, à professora Nubia Hanciau e aos colegas da Mesa-Diretora da ABECAN pela confiança depositada na equipe da Universidade Federal Fluminense, ao presidente da ABECAN, professor Sergio Cerqueda, à Embaixada do Canadá e aos colaboradores cujos textos muito enriqueceram o presente número. Salientaria ainda a variedade de instituições envolvidas (Universidade de Ottawa, UFRGS, Centro Universitário La Salle (RS), UFF, UFPR, UNIANDRAGE, UFF, UFSC, UFMG, UEPB, UESPI, FURG, UFG, UEFS, UFRPE, UEMGS, UFU), a presença de pesquisadores do CNPq e de outros órgãos de fomento, de participantes de grupos de pesquisa nacionais e canadenses. Graças ao caráter plural dos artigos, de pontos de vista e de aspectos priorizados, o leitor poderá confirmar o caráter multifacetado dos estudos canadenses, sempre marcados por interfaces com outras culturas, temáticas e campos do conhecimento. Em suma, as reflexões aqui desenvolvidas dão conta de uma efetiva tradição de estudos no domínio dos EC e anunciam a necessária renovação de pesquisas a serem realizadas nas Américas, lugar por excelência, como pensa Patrick Imbert, da produção constante do novo, das promessas sedutoras do futuro, de conexões e de “camaleonagens” inéditas.

*Maria Bernadette Porto*

Editora